

cultura: imagens e representações

ESTUDOS DO SÉCULO

XX

número 8 . 2008

RIBEIRO, Maria Manuela Tavares (Coord.): *Mare Oceanus. Atlântico: Espaço de Diálogos*. Coimbra: Almedina, 2007, 148 p.

O último número da Coleção *Estudos sobre a Europa*, coordenada por Maria Manuela Tavares Ribeiro e dedicado às Relações Europa-Atlântico é o resultado das reflexões levadas a efeito por um grupo de académicos durante um Colóquio que teve lugar na Universidade de Coimbra, no âmbito da VIII Semana Cultural da Universidade de Coimbra, e subordinado ao tema *De Mar a Mar*, e realizado de 2 a 7 de Março de 2006.

É uma obra que merece a atenção de todos aqueles que se preocupam com a dualidade europeia, ou seja, a atenção dispensada pelos investigadores, pensadores, historiadores, políticos, entre outros, que reflectem sobre a encruzilhada: Europa e Atlântico.

No que respeita ao conteúdo, o presente volume coloca um desafio provocador que vem contribuir com um diálogo interdisciplinar e crítico, com inovação e estímulo, para o debate europeu. Ao longo dos seis textos de grandes especialistas nacionais e estrangeiros oriundos de diferentes áreas do saber (Ciência Política, História, Direito, Economia, Literatura) são colocadas, com particular actualidade, questões como a solidariedade atlântica, relações transatlânticas, revolução atlântica, união atlântica, Mar como fronteira, inspirações atlânticas e identidades. Trata-se de temas sempre actuais e oportunos, num momento em que a Europa repensa o seu destino e se prepara para os desafios do “Novo Século Europeu” (Mark Leonard, 2005), não no sentido de a Europa governar o mundo como um império, mas porque o “modo europeu de fazer as coisas terá sido adoptado por todo o mundo.”

À luz deste panorama, ganham particular importância as palavras de Maria Manuela Tavares Ribeiro: “a Europa e o Atlântico estão geneticamente ligados”. Este mesmo “oceano que pode ser entendido mais como uma articulação, mais como um elo, do que como limite intransponível”.

Ora esta ligação suscita a ideia de criação de uma nova forma de poder que a Europa tem desenvolvido através de duas vertentes que são elas a da dimensão do seu mercado e a da sua diplomacia.

Pode-se ilustrar o que acabámos de afirmar com alguns exemplos particularmente elucidativos. Entre eles, há que salientar o do Atlântico como ponto de passagem da identidade, ou melhor, das várias identidades, dos valores europeus e da própria “unidade europeia” que se foi constituindo, em simultâneo, com a “comunidade atlântica”. Pretende-se dizer com isto que a ideia de Europa, de uma Europa-Atlântica fundada nos valores ocidentais remonta à noção de *mare nostrum*, repositório dos heróis gregos e romanos como refere Cristina Robalo Cordeiro.

Neste contexto, não será demais analisar e referir os aspectos mais relevantes dos artigos publicados nesta obra.

Adriano Moreira aborda a questão da “solidariedade Atlântica” defendendo que, num “panorama de *grandes espaços e de poderes emergentes*, os ocidentais precisam de assumir que o atlantismo é o núcleo duro de uma concepção do mundo e da vida pronto para o diálogo, mas determinado a salvaguardar os seus valores.”

Num artigo sobre *Los países de la Europa central, suroriental, báltica y balcánica. El nuevo vínculo euroatlántico en el paso de un siglo a otro*, **Guillermo Á. Pérez Sánchez** expõe os possíveis efeitos, a curto, médio e longo prazo, do novo vínculo euroatlântico na sequência da desintegração da União Soviética e do fim da Guerra Fria.

Ricardo Martín de la Guardia, por seu lado, defende que os contactos entre funcionários e políticos da União europeia e dos Estados Unidos permitiram encontrar um novo e mútuo interesse em ampliar a colaboração entre as duas margens do Atlântico. Considera ainda que a coordenação entre as administrações da União Europeia e a Norte-americana foi um marco importante para fazer da agenda transatlântica uma nova realidade.

Estêvão de Rezende Martins, no seu artigo intitulado “Revolução atlântica: fronteira ou traço de União?”, traça a evolução das relações transatlânticas desde o século XV à actualidade, relevando o facto de, ao longo dos tempos, o Atlântico ter funcionado como factor de transformação social e institucional a tal ponto profundo que, segundo o autor, se pode falar em “Revolução Atlântica”.

Num artigo especializado sobre “Fronteira e função: O caso europeu”, Rui Cunha Martins analisa o conceito de fronteira em quatro níveis problemáticos – o da definição de fronteiras, o da mobilidade de fronteiras, o da articulação de fronteiras e o da regionalização das fronteiras e conclui que, no caso específico europeu, a fronteira deve ser “estimada não apenas na sua aceção histórica, mas, sobretudo, na sua valência de mecanismo ordenador da construção europeia: um mecanismo dotado de determinadas funções e, nessa medida, produtor das várias escalas europeias”.

Cristina Robalo Cordeiro através de uma análise cuidada da literatura francesa, que, neste artigo, considera porta-voz da Europa atlântica, recorre a noções como “classicismo”, “romantismo” e “realismo” na abordagem desta problemática, fazendo-o de uma forma *diferencial*.

Eis uma obra importante, inovadora e que nos ajuda a compreender o relacionamento da Europa com o Atlântico, o

mesmo é dizer com o próprio espaço europeu que, como afirma Maria Manuela Tavares Ribeiro, é “ainda um espaço a fazer. A Europa é um território que se faz”.

Isabel Maria Freitas Valente
Bolsreira de Doutoramento FCT
Investigadora do CEIS20
Membro *Team Europe*

TEIXEIRA, Nuno Severiano e Pinto, António Costa (Coord.): *Portugal e a Integração Europeia 1945-1986. A perspectiva dos actores*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2007, 224 p.

Pensamos que, mais do que nunca, o debate sobre a Europa encontra-se na ordem do dia, em Portugal. O presente da participação portuguesa na Europa é feito de dúvidas, de interrogações, de algumas convicções, mas também de muitas incertezas. Assim sendo, a procura, a busca de compreensão desta realidade presente conduz-nos inevitavelmente a questionar o passado numa tentativa de compreensão do presente e de “prefiguração do futuro”.

Michelet, numa obra publicada no século XIX, lembra essa realidade nestas palavras: “aquele que quiser atar-se ao presente não compreenderá nunca esse mesmo presente.” A obra em análise insere-se plenamente neste plano epistemológico.

É inegável que o livro – *Portugal e a Integração Europeia 1945-1986. A perspectiva dos actores* – visa proporcionar uma visão dos principais intervenientes nos momentos mais relevantes do processo de integração europeia de Portugal.

A propósito, e com base nos estudos de Nuno Severiano Teixeira e de António Costa Pinto, é importante lembrar que as relações entre Portugal e a Europa (1945 a 1974) tiveram sempre um matiz especial